



## **Metodologias participativas na mediação do planejamento de projeto socioproductivo na comunidade indígena Pankará em Itacuruba/PE**

*Participatory methodologies in the mediation of the socio-productive project of the Pankará indigenous community in Itacuruba / PE*

LIMA VERDE<sup>1</sup>, Diego Cesar Alves; ALMEIDA<sup>2</sup>, Lucas Ricardo Souza; LEITE<sup>3</sup>, Isabela Oliveira. OLIVEIRA<sup>4</sup>, Elson; MARINHO<sup>5</sup>, Cristiane Moraes; FREITAS<sup>6</sup>, Helder Ribeiro.

<sup>1</sup>CVT/NEA Sertão Agroecológico/UNIVASF, diegolimaverde@hotmail.com; <sup>2</sup>CVT/NEA Sertão Agroecológico/UNIVASF, lucas.ricardo.univasf@gmail.com; <sup>3</sup>CVT/NEA Sertão Agroecológico/UNIVASF, isabelaleite94@gmail.com; <sup>4</sup>CVT/NEA Sertão Agroecológico/UNIVASF, elsonagro@yahoo.com.br; <sup>5</sup> IF-Sertão-PE, cristiane.marinho@ifsertao-pe.edu.br; <sup>6</sup>PPGADT-CPGExR/UNIVASF, helder.freitas@univasf.edu.br

### **Eixo temático: Terra, Território e Ancestralidade e Justiça Ambiental**

**Resumo:** Este trabalho pretende relatar a experiência de intervenção sociotécnica realizada pelo Centro Vocacional Tecnológico – CVT Sertão Agroecológico junto à comunidade indígena Pankará situada no município de Itacuruba/PE. Objetivou a partir do resgate histórico de ocupação e do modo de vida tradicional contribuir com a reflexão e o planejamento dos sistemas produtivos da comunidade, principalmente após à ativação da adutora para fornecimento de água para abastecimento humano e irrigação em áreas comunitárias. Toda intervenção foi planejada e desenvolvida a partir de metodologias participativas, relacionadas ao Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) dentre as quais destaque; caminhadas transversais, construção de mapas mentais, discussão realidade/desejo e dinâmica da construção, favorecendo os debates coletivos. Além de possibilitar diálogos e acordos de modo a reconhecer e superar os desafios para implantação da área irrigada e a busca pelo resgate dos saberes ancestrais.

**Palavras-chave:** Intervenção sociotécnica; Ancestralidade; Indígena; Diagnóstico Rápido Participativo.

**Keywords:** Sociotechnical intervention; Ancestry; Indigenous; Participatory Rapid Diagnosis.

### **Contexto**

O presente trabalho refere-se ao relato de experiência de intervenção sociotécnica do Centro Vocacional Tecnológico – CVT Sertão Agroecológico junto à terra indígena da etnia Pankará, localizada no município de Itacuruba/PE. Apoiando dessa forma, a ação do Comitê de Bacias Hidrográficas do Rio São Francisco (CBHSF) por meio da Agência Peixe Vivo. Neste contexto, o CVT Sertão Agroecológico auxiliou o CBHSF, no processo de implantação do Sistema de Abastecimento de Água para consumo humano, além da disponibilização de pequena parte da água bruta captada do Rio São Francisco para projeto de irrigação de cunho social junto à terra indígena. Auxiliando principalmente, nas ações de planejamentos socioproductivos.

A terra indígena Pankará, assim como os demais grupamento indígenas do Semiárido Brasileiro (SAB), tem histórico de ocupação deste território muito antes dos



colonizadores alcançarem a região do SAB. Os Pankarás e outros grupamentos indígenas viviam nas serras do Pernambuco e nas margens do Rio São Francisco. Estas comunidades ocupavam e se deslocavam nesse território em busca de alimentos, fonte de água e proteção (SANTOS JR, 2015). De acordo com Silva (2003), a partir da ação colonizadora, a mobilidade indígena registrada na historiografia do sertão nordestino produziu impactos nas comunidades e nos sistemas sociais dos diversos grupos indígenas por conta dos contatos entre indígenas e colonizadores o que promoveu a expulsão dos povos originários de seus territórios.

A etnia Pankará, segundo o relatório produzido pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 2010, historicamente migravam da Serra do Arapuá no Estado do Pernambuco (distante de 70 km da margem do rio) para as margens do Rio São Francisco na divisa com a Bahia. Essa migração ocorria devido ao ciclo natural de estiagem, característico do Semiárido Brasileiro e para praticar rituais xamânicos junto ao Povo da etnia Tuxá. Uma parte do Povo Pankará chegou para estabelecer moradia as margens do rio, em 1958, devido à grande seca registrada neste período, escolheram a região do município de Itacuruba (PE) por ser um ponto tradicional de passagem do grupo. Em 1988, com a construção da Barragem de Itaparica, todos foram deslocados para uma outra área sede denominada pela população local como Itacuruba “Nova”.

Com a mudança de área de ocupação e nova fixação de seus povos, a aldeia sofreu grande impacto em sua maneira de viver, necessitando realizar o resgate de sua identidade étnica, cultural e territorial. Diante disso, em 2003, após longos debates e avaliações o local denominado de Serrote dos Campos, local tradicionalmente sagrado para os Pankarás, foi escolhido para esse recomeço e retomada do seu território, criando assim a Aldeia Serrote dos Campos da etnia Pankará no município de Itacuruba/PE.

Todos esses processos de ressignificação da tradicionalidade se deu a partir da luta pelo direito a terra de origem, retomada da sua cultura e o reconhecimento como povo tradicional. Assim, as reivindicações por direitos básicos, previstos na Constituição Brasileira, deram-se através de muita luta por acesso as políticas públicas e compromisso das lideranças com as futuras gerações da aldeia.

Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo resgatar o histórico de ocupação e modo vida tradicional do Povo Pankará, bem como contribuir com o planejamento dos sistemas produtivos da comunidade, a partir da chegada da adutora para fornecimento de água para abastecimento humano e irrigação em área de uso comunitário.

### **Descrição da Experiência**

Esta ação aconteceu entre os dias 20 e 23 de janeiro de 2018 e contou com apoio do Comitê de Bacias Hidrográfica do São Francisco (CBSF), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e CVT Sertão Agroecológico (UNIVASF).



O município de Itacuruba está situado na mesorregião do São Francisco Pernambucano e na microrregião de Itaparica, sendo inserido na bacia do Rio São Francisco no Semiárido Nordestino. A aldeia localiza-se na zona rural de Itacuruba e está localizada a sete quilômetros das margens do reservatório da barragem de Itaparica, no Rio São Francisco. Na aldeia há, pelo menos, 110 famílias (aproximadamente 500 pessoas) todos são pertencentes a etnia Pankará, composta por anciões, caciques, mulheres, jovens e crianças, que tem lutado pela permanência no território em que seus ancestrais viviam, resistindo, reconstruindo e reafirmando a identidade étnica, cultural e territorial.

O processo de intervenção foi planejado tendo como orientação as metodologias participativas, particularmente o Diagnostico Rápido Participativo (VERDEJO, 2006). Todos os grupos de trabalho foram compostos por mulheres, jovens, idosos e lideranças, garantindo as múltiplas visões sobre a aldeia. As metodologias utilizadas focaram nos processos de interação grupal e dialógica que possibilitaram o levantamento de informações sócio-históricas, sistemas produtivos e ambientais, bem como permitem o planejamento participativo comunitário.

Assim, o planejamento das atividades se iniciou com a realização de uma Caminhada Transversal, pela comunidade na manhã do primeiro dia. Nesta percorreu-se no trajeto da aldeia até a margem do lago da Barragem de Itaparica, no Rio São Francisco (aproximadamente 7 quilômetros) com o intuito de observar os ambientes locais e checar o andamento das obras de instalação da tubulação da adutora. Neste percurso, foram realizadas paradas em pontos estratégicos para o reconhecimento e observação de áreas de caatinga, solo, processos de degradação ambiental e a infraestrutura da adutora em implantação. Também foram feitos diálogos informais sobre o processo e a importância da instalação da adutora na Aldeia.

No período da tarde do primeiro dia de atividades na comunidade, realizou-se uma atividade de construção de mapas de modo a subsidiar a discussão em relação aos processos de desenvolvimento local na comunidade. Assim, os indígenas participantes foram divididos em três grupos para a confecção e construção grupal de "Mapas Mentais" (PAES, *et al.* 2018) nos quais, através de desenhos feitos em papel madeira branco e canetas coloridas, os participantes puderam retratar suas lembranças, conhecimentos e trajetórias do histórico do território onde vivem. O intuito desta metodologia foi proporcionar uma avaliação de questões relacionadas a problemas ambientais, fundiários, formas de ocupação das áreas, potencialidades, limitações, entre outras questões.

No período da manhã do segundo dia de atividades utilizou-se novamente da metodologia da "Caminhada Transversal" para visitar as áreas propostas pela comunidade para implantação do projeto de irrigação comunitário da aldeia. Nesta ação o intuito foi identificar em conjunto com os indígenas aspectos que se constituem potencialidades e limitações para a implantação do referido projeto em cada uma das áreas propostas.



No período da tarde do segundo dia utilizou-se da metodologia denominada “Realidade/Desejo” de modo a promover o debate com a comunidade sobre o “Projeto de Produção Comunitária Irrigada”. Essa discussão teve como intenção gerar informações a respeito das culturas agrícolas que pretendem trabalhar; de que forma pretendem organizar o sistema produtivo e as famílias para o trabalho nesta área; dentre outros aspectos internos e externos que interagem com as diferentes propostas de produção e organização. Para a discussão, fez-se uma divisão em três grupos para que eles pudessem descrever de forma coletiva as propostas.

No terceiro dia de atividades, ainda com o objetivo de levantar informações e de contribuir com a organização coletiva, a comunidade presente foi dividida em dois grupos para, através da metodologia denominada “Construção”, utilizando-se de elementos naturais encontrados na aldeia, para a construção de uma representação concreta (uma espécie de maquete) do que seria o “Modelo Ideal do Projeto Comunitário Irrigado”. A equipe coordenadora da atividade deu um tempo “limitado” para que os participantes recolhessem os materiais naturais encontrados e também para a montagem da maquete. Em seguida fez-se uma apresentação para socialização geral das representações construídas. Essa metodologia, além de provocar o diálogo e unir o grupo no trabalho, mostra as possibilidades de adaptação aos poucos recursos existentes, além de contribuir com a reflexão coletiva sobre os sistemas e processo produtivo, bem como sobre a organização social para as ações coletivas ligadas à proposta produtiva e também às demandas da Aldeia.

## **Resultados**

As Caminhadas Transversais realizadas no primeiro e segundo dia possibilitaram a avaliação das áreas propostas para implantação dos projetos irrigados produtivos e a infraestrutura social e ambiental da comunidade. Assim, constatou-se a importância e expectativa da comunidade com a chegada da água para consumo humano e produção. As visitas às áreas irrigáveis permitiram colher elementos técnicos e da dinâmica socioambiental, infraestrutura produtiva e organização social que contribuíram para as demais discussões e atividades coletivas durante o DRP.

A construção dos “Mapas Mentais” demonstrou que na região denominada “Topo do Serrote”, na parte mais alta da aldeia Serrote dos Campos, possui uma estátua do Cristo em uma cruz, e as explicações que foram expressadas é que o local faz parte da tradicional devoção aos “encantados” (ancestrais espirituais), mostrando um forte sincretismo entre a cultura indígena local e a religião católica. Também foi relatado que o mesmo local é utilizado tradicionalmente como mirante estratégico, e que proporciona uma visão panorâmica que vai da Serra do Arapuá (origem do povo Pankará) até o Rio São Francisco.

Na parte central da aldeia, possui a oca que foi a primeira casa da aldeia, teve sua descrição representada como um grande marco da aldeia, pois, segundo afirmou a



Cacique Lucélia, a “oca mãe” abrigou as primeiras famílias que chegaram ao território e, que hoje é utilizada para cultos sagrados e reuniões. No decorrer da construção do mapa, destacaram a importância do processo de ocupação do Território, fazendo referência a primeira oca, o Terreiro do Rei Tupinambá, as casas de taipa e alvenaria, a chegada da energia elétrica e os espaços sagrados existentes. Isso foi importante, pois resgatou histórias que alguns jovens que participavam da atividade não conheciam. Essa metodologia proporcionou o resgate histórico que mostrou a trajetória de luta do Povo Pankará na revitalização da sua tradição, fomentando a continuidade dos saberes para os mais jovens.

As metodologias “Realidade/Desejo” e “Construção” possibilitaram o debate do projeto Ideal de “Produção Comunitária Irrigada”. Os grupos colocaram como prioridade o plantio da macaxeira, mas também foi incluído a palma, sorgo, milho, amendoim, hortaliças dentre outras. O beneficiamento da macaxeira para a produção de farinha e fécula (goma de tapioca), foi colocado como estratégia de mercado, valorização da produção e opção para alguns que não queiram trabalhar no plantio.

O processo organizativo foi debatido e causou algumas divergências quanto as possibilidades de divisão da área entre a exploração coletiva e individual. Entretanto, a forma coletiva foi indicada como sendo a melhor opção para que todos os gastos e resultados financeiros sejam divididos por igual. Pode-se concluir que o uso das Metodologias Participativas para a construção coletiva de projetos comunitários almejados e também de resgate do histórico de Povos Tradicionais possibilitou o estabelecimento de diálogos e acordos de modo a reconhecer e superar os desafios para implantação da área irrigada e a busca pelo resgate dos saberes ancestrais.

## **Agradecimentos**

Ao apoio financeiro por meio da Chamada/Edital 16/2016 CNPq/MCTIC (NUSAN Sertão Agroecológico) e Chamada MCTIC/MAPA/MEC/SEAD - Casa Civil/CNPq Nº 21/2016 (CVT Sertão Agroecológico), bem como ao CBHSF através da Agência Peixe Vivo na promoção de ações de segurança hídrica e alimentar na aldeia Pankará.

## **Referências**

SANTOS JR., C. F. **Os índios no vale do Pajeú e São Francisco: historiografia, legislação, política indigenista e os povos indígenas do Sertão do Pernambuco.** Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2015.

PAES, A. M. B. X.; FILIPAK, A.; ALEIXO, S. S. **O uso de mapas mentais como metodologia para o desenvolvimento da transição agroecológica e da autonomia das mulheres rurais.** Cadernos de Agroecologia, Vol. 13, Nº 1, Jul. 2018.

SILVA, J. C. **Arqueologia no médio São Francisco: indígenas, vaqueiros e missionários.** Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2003.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo: Um guia prático.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário / Secretaria de Agricultura Familiar, 2006. 62p.